

KENNEDY, Paul. *Engenheiros da vitória: os responsáveis pela Reviravolta na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

*Resenhado por Guilherme Simionato\**

Embora o estudo das relações internacionais seja interdisciplinar por essência, vê-se frequentemente análises reducionistas, que insistem em explicações pouco abrangentes e incapazes de enxergar a complexidade do objeto. Essa não parece ser uma característica de Paul Kennedy, um estadunidense e professor de História das Relações Internacionais na Universidade de Yale. Sua obra mais conhecida é “Ascensão e Queda das Grandes Potências”<sup>1</sup>, na qual ele procura relacionar política, economia e guerra a fim de explicar as transições hegemônicas dos últimos séculos. Recentemente, Kennedy lançou “Engenheiros da Vitória”, no qual observa o processo de tomada de decisões e a solução de problemas operacionais na história, demonstrando como e por meio de quem surgiram as inovações que permitiram aos Aliados superarem os obstáculos e reverterem o quadro sobre o Eixo.

O autor se difere das análises estáticas que descrevem as opções no nível da política como tendo sido implementadas de forma instantânea no campo de batalha, sem dificuldades. Kennedy desenvolve uma abordagem pela esfera operacional da guerra, qual seja, o nível intermediário entre a tática (a batalha) e a estratégia (o uso da força e seus fins políticos), envolvendo planejamento, condução e sustentação das campanhas. Nesse sentido, divide o livro em cinco desafios operacionais que cobrem a reviravolta da guerra (1943-44). O (1) primeiro trata das dificuldades em

---

\* Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup> KENNEDY, P. *Ascensão e Queda das Grandes Potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro, Elsevier: 1989.

se conduzir navios mercantes através das importantes rotas do Atlântico, onde a Força Aérea aliada teve um papel decisivo a partir da utilização crescente da aviação baseada em terra e nos porta-aviões, combinada com o desenvolvimento de radares miniaturizados (HF-DF) colocados nas aeronaves. Com isso, foi possível virar o jogo sobre os temidos submarinos U-Boats alemães, cuja superioridade tecnológica fora responsável pelas vultuosas baixas em navios mercantes até 1943 e que colocaram em cheque a própria sobrevivência das rotas de suprimento inglesas. A principal lição foi que o controle do mar seria impraticável sem a contribuição da Força Aérea.

O segundo desafio identificado por Kennedy diz respeito (2) à necessidade de se conquistar a superioridade aérea na Europa ocidental, tendo em vista as crescentes perdas nas investidas aéreas sobre a Alemanha, o que só se conseguiu próximo do fim da guerra com o surgimento do radar para defesa aérea, do Mustang P-51 e de seu potente motor Merlin-61. No entanto, as lições do bombardeio aliado sobre o Terceiro Reich demonstram que, embora se tenha tido grande eficiência em infligir danos diretos sobre a indústria alemã e efeitos indiretos no front oriental (pela necessidade de se transferir recursos para a defesa), a utilização mais eficiente do poder aéreo se deu sempre de forma conjunta com as campanhas terrestres e marítimas.

O ponto alto do livro está relacionado ao terceiro desafio operacional, (3) o de como deter uma *blitzkrieg*. Kennedy, através da análise histórica, expõe a fragilidade das recorrentes estratégias militares baseadas nos ataques-relâmpagos e na vitória rápida. Na II GM, o surgimento de novas tecnologias como a aviação, o motor a combustão interna e o tanque, reascendeu o mito da ofensiva como a forma de guerra mais efetiva. No entanto, o autor apresenta três fatores que indicam o contrário: (a) o geográfico, na medida em que a obtenção de uma vitória decisiva é impraticável se o combate for travado através de extensas cadeias de montanhas ou outros obstáculos topográficos; (b) a postura defensiva por parte do adversário, fortificando-se, entrincheirando-se e se utilizando de um exército de massa; e (c) a profundidade estratégica, na qual o atacante fica cada vez mais distante de suas bases, estendendo suas linhas de suprimentos em excesso e diminuindo crescentemente a densidade de tropas no campo. De fato, essas três características estavam presentes pelo lado dos EUA, da Inglaterra e da URSS.

O quarto e o quinto desafios foram, respectivamente, (4) desembarcar em praias fortemente defendidas pela Alemanha e (5) derrotar a tirania da distância entre os centros produtivos estadunidenses e os teatros de guerra no Pacífico. Aquele (4) está relacionado intimamente com os três anteriores, uma vez que, segundo Kennedy, só foi possível superá-lo após se obter o controle do mar (1), o comando do ar (2) e conter a *blitzkrieg* (3). Importa destacar que, mesmo a partir da impressionante integração de forças, os desembarques anfíbios permaneceram sujeitos em grande parte às já referidas limitações de distância, topografia, acessibilidade, e às condições atmosféricas do momento.

Já o último desafio (5), segundo Kennedy, foi superado, sobretudo, pelo uso impressionante dos recursos americanos, de seu potencial humano e de seus sistemas de armamento. Especificamente, (a) pelo papel dos Fuzileiros Navais na estratégia de capturar as pequenas, porém estratégicas, ilhas da Micronésia; (b) pelo desenvolvimento dos grupos de porta-aviões rápidos (controle do mar); (c) pela introdução do bombardeiro pesado de longo alcance B-29, que voava a uma altitude superior a dos caças e sistemas anti-aéreos inimigos; e, por fim, (d) pelo papel das unidades construtoras das bases, instalações, pontos de montagem e estradas, que faziam a luta prosseguir mesmo com todas as imposições geográficas, os chamados Batalhões de Construção da Marinha americana (*Seabees*). A somatória desses fatores com a força industrial estadunidense tornou possível o triunfo sobre a tirania da distância.

O esforço metodológico de Kennedy se destaca pela abordagem complexa da realidade, evitando as soluções simplificadoras. Dessa maneira, em uma grande contribuição ao papel do indivíduo, o autor adiciona um fator central e comum ao sucesso em todos esses desafios: a “cultura do encorajamento”. Isso significa, em essência, que os engenheiros da vitória seriam indivíduos aos quais foi dada a “liberdade de experimentar, de oferecer ideias e opiniões e de atravessar fronteiras tradicionais das instituições [...] [através da] criação de sistemas de guerra que contivessem um grande feedback, flexibilidade, capacidade de aprender com os erros” (KENNEDY, 2014, p. 417). Portanto, não bastava ter números superiores em termos de produção industrial, homens em armas, sistemas de guerra e território, mas sim utilizá-los da forma mais inteligente possível. Ou seja, moldar e aplicar as questões táticas através de imposições e soluções operacionais até os fins estratégicos definidos no nível da política.

Portanto, “Engenheiros da Vitória” serve perfeitamente ao nosso tempo: é uma negação às soluções simplificadoras e às estratégias militares baseadas na vitória rápida e indolor, cujo cerne reside na superioridade tecnológica (quase sempre ilusória). Assim, o estudo de como a *blitzkrieg* não assegurou a vitória à Alemanha, por exemplo, pode servir de inspiração para aqueles que se debruçam sobre o contexto contemporâneo da ascensão da multipolaridade e sobre a forma como o ator dominante irá lidar com os novos polos (contenção ou inclusão). Do mesmo modo, o livro retoma o debate sobre o papel da tecnologia na guerra, como ela se relaciona com outros fatores e até que ponto ela é revolucionária. Disso decorrem conclusões importantes à sociedade, na medida em que decisões sobre os métodos de se atingir os fins políticos do Estado também afetam o desenho de capacidades industriais, geração de renda, estabilidade política e ambições internacionais.